

Universidad de Medellín

A revista *O Cruzeiro* e as primeiras memórias da revolução de 1930 no Brasil*

Jorge Luiz Romanello****Alfredo dos Santos Oliva*****

Recibido: 21 de julio de 2015

Enviado a pares evaluadores: 31 de julio de 2015

Aprobado por pares evaluadores: 13 de agosto de 2015

Aprobado por comité editorial: 27 de agosto de 2015

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir as características de um conjunto de mensagens sobre a Revolução de 1930 e Getúlio Vargas publicados na revista *O Cruzeiro* – parte do mais poderoso conglomerado de comunicação do país na época, os Diários Associados. A revista *Cruzeiro* era o único periódico de circulação nacional e um dos mais importantes veículos da mídia brasileira. Em 8 de novembro de 1930, cinco dias após posse de Vargas no governo, a revista publicou uma extensa reportagem sobre reportagem sobre os acontecimentos revolucionários desde os seus preparativos até a “vitória final”. Houve também a impressão de um conjunto de imagens de Getúlio Vargas – na

condição de organizador da Revolução, condutor e líder vitorioso empossado na presidência. Considera-se, portanto, essa edição como significativa, em um esforço para atribuir sentidos ao conjunto de eventos, englobando a gestação do projeto revolucionário, seu desenrolar, marcado pelas incertezas, e, finalmente, a vitória. Na elaboração da reportagem são bastante repetidos termos complementares como: Nação e Região, Líder e Povo, Presidente e Chefe, que ajudavam a conferir sentidos ao discurso visual criado pela revista.

Palavras-chave: Revista *O Cruzeiro*, Revolução de 1930 no Brasil, Presidente Getúlio Vargas, História e imagens.

* Este artigo foi produzido a partir de estudo realizados na revista sobre temas diversos ao longo de mais de dez anos de pesquisas com a revista *O Cruzeiro*.

** Pós doutorando junto ao programa de História social da UEL, Universidade Estadual de Londrina – Paraná, supervisionado pelo professor Alfredo dos Santos Oliva. Projeto financiado pela CAPES, Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior. Correo electrónico: edioromanello@yahoo.com.br

*** Professor do Departamento de História da UEL e Doutor em História Social pela UNESP. Correo electrónico: alfredoliva@yahoo.com.br

La revista *O Cruzeiro* y las primeras memorias de la revolución de 1930 en Brasil

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir las características de un conjunto de mensajes sobre la Revolución de 1930 e Getulio Vargas publicados en la Revista *O Cruzeiro* para el más poderoso conglomerado de comunicaciones del país de la época, los Diarios Asociados. La revista *Cruzeiro* era el único periódico de circulación nacional y uno de los más importantes vehículos de los medios de comunicación brasileños. El 8 de noviembre de 1930, cinco días después de la posesión de Vargas en el gobierno, la revista publicó un extenso reportaje sobre los acontecimientos revolucionarios desde sus preparativos hasta la "victoria final". Hubo también la impresión de un conjunto de imágenes de Getulio Vargas en la condición

de organizador de la Revolución, conductor y líder victorioso tomando posesión de la presidencia. Se considera por lo tanto, esa edición como significativa, en un esfuerzo para atribuir los significados al conjunto de eventos, que abarca la gestación del proyecto revolucionario, su desarrollo marcado por la incertidumbre y en última instancia la victoria. En la realización del reportaje son bastante repetidos términos adicionales como: Nación y Región, Líder y Pueblo, presidente y jefe, que ayudaban a comprobar significados al discurso visual creado por la revista.

Palabras clave: Revista *O Cruzeiro*, Revolución de 1930 en Brasil, Presidente Getulio Vargas, historia e imágenes.

Introdução

Em virtude de sua candidatura derrotada à presidência da república em 1930, a figura de Getúlio Vargas já era provavelmente conhecida de uma boa parcela dos leitores de revistas brasileiras. Durante a campanha foi personagem de reportagens da revista *O Cruzeiro* e possivelmente de outras. É certo que sua candidatura circulou o país principalmente por meio da ampla gama de veículos da imprensa de caráter regional, principalmente os pertencentes aos Diários Associados do rádio e eventualmente, e de forma menos provável, por tele-jornais cinematográficos.

Passada a fase caracterizadamente militar dos eventos revolucionários de 1930, chegava a hora de consolidar um projeto nacional e, para tanto, era fundamental começar a criar uma memória, ainda que baseada em acontecimentos recentes, que ajudasse a posicionar Vargas na liderança das novas etapas do projeto de mudanças a ser empreendido e para isso o pedagógico uso das fotografias era indispensável.

Uma hipótese provável para o tipo de narrativa construída na reportagem analisada é de que se tratava da elaboração preliminar de uma estratégia de construção simbólica da transição da Revolução, de seu plano militar para um plano civil¹. Assim, anunciava-se a continuidade da revolução, mas em transição para um governo de características civis, o que na época ainda não estava claramente delineado. Prova disso é que a capa da edição de *O Cruzeiro* de 8 de novembro de 1930, a primeira após a posse, mostra Vargas em trajes militares, ao passo que nas fotos da extensa reportagem da revista, dedicada também a fazer um resumo do desenvolvimento da “Revolução Nacional”, como foi designada, nela em vários momentos o “líder” revolucionário aparece fotografado em trajes civis. Os breves textos, mas, principalmente os títulos e legendas das imagens realçam também estes aspectos.

A atuação da revista na promoção Vargas tratava-se antes de mais nada de um projeto político. Abarcou um período que se estende desde o seu lançamento em 1928 até pelo menos meados de 1932, naquele período o veículo atuou como órgão de divulgação e propaganda da imagem do político gaúcho, ajudando em sua construção e sedimentação. A revista era parte da cadeia dos Diários Associados, conglomerado de mídia que atuou de forma decisiva na disseminação e amplificação dos eventos que caracterizaram a crise política e institucional que desencadearam o processo revolucionário, seus desdobramentos, a posse de Vargas e, por fim, agiu diretamente na consolidação do ditador no poder.

¹ Nesse sentido chama a atenção as preocupações e tensões de Vargas e de outros dirigentes da Revolução, com alguns comandantes militares e os riscos que o movimento se transformasse em um golpe militar, no sentido mais estrito do termo. Anotações constantes nos Diários de Getúlio Vargas: (PEIXOTO, 1995, p.16 e 17)

Ainda que de maneira bastante preliminar, aquela edição apresentava ao público leitor de *O Cruzeiro* um novo personagem, transformado pelos acontecimentos recentes, de chefe político regional, aspirante à presidência, em líder de uma Revolução Nacional vitoriosa e chefe de Estado - embora não houvesse ainda transcorrido tempo suficiente para que se produzissem e muito menos se sedimentassem simbologias específicas sobre a Revolução, para além, é claro, das promessas e projetos de mudanças que prometia para o país, e eventuais expectativas, medos e incertezas de seus opositores ou desinformados a seu respeito.

Esta longa reportagem elaborada em tons triunfalistas de defesa e propaganda, produzida no calor dos acontecimentos, apresentava a Revolução como uma evolução sucessiva de eventos que culminaram no “inevitável”, a mudança.

Podemos considerar, em termos de comunicação, que no Brasil do período o mercado editorial de revistas apresentava-se em franca expansão e tinha um papel importante na divulgação de personagens e eventos de toda ordem, circulando de maneira segmentada² em publicações já bastante especializadas.

Naquele quadro, a revista *O Cruzeiro* se destacava, seja pela circulação nacional³, seja pelas características gráficas específicas que possuía – capa colorida, papel de alto padrão, farta utilização de fotografias, colunas e seções dedicadas a uma grande variedade de assuntos, tratamentos específicos para o público feminino etc.

O cinema no Brasil daquele período ainda estava em processo de difusão, embora ocupasse papel importante na divulgação de produtos e modelos. O mesmo ocorrendo com as rádios, que viveriam uma fase de grande expansão de sua importância nos anos subseqüentes, em parte pela implementação de uma política de difusão e propaganda promovida pelas agências do próprio governo de Vargas.

Desta forma, há fortes indícios de que naquela época a difusão dos debates sobre política e ideias resumiam-se principalmente à imprensa, representada pelos jornais, que naquela época ainda possuíam abrangência marcadamente regional ou local caracterizado pelo jornalismo partidário e de opinião.⁴

Naquela conjuntura *O Cruzeiro* era uma publicação de modelo híbrido, que adotava o modelo do jornalismo de opinião, mas tinha circulação nacional.

² Conforme Demarchi (1992-93) e Martins (2003).

³ Ainda que se deva considerar, por um lado o alcance relativo da publicação limitada pelos 50.000 exemplares que a revista distribuía no período – o que não a transformava propriamente em um veículo de comunicação de massas de larga penetração popular e o elevado índice de analfabetismo do país, em 1930, por outro lado é necessário considerar que cada exemplar da revista era lido por várias pessoas, e que a revista já trabalhava com elevado número de imagens o que facilitava sua leitura.

⁴ Conforme perspectiva de Abreu (1996).

Pesava ainda naquele contexto de exceção o papel da censura, embora a imprensa gozasse de alguma liberdade de expressão, esta se restringiria cada vez mais no decorrer da década.

Em termos metodológicos, optamos pela análise qualitativa das mensagens produzidas nos documentos analisados em que interagem títulos, textos, imagens e legendas, considerando que esse era o processo comunicativo típico de um veículo como as revistas ilustradas que por meio dessa articulação procuravam elaborar direcionadas ao público leitor. Devido à extensão da reportagem, escolhemos apenas alguns de seus aspectos, particularmente os que procuravam difundir discursos nacionais.

Aspectos da revolução de 1930 e suas consequências

A Revolução de 1930 foi um dos mais importantes acontecimentos do Brasil do século XX. Seus desdobramentos influenciaram inúmeros aspectos da vida política, econômica, social e cultural do país, tanto nos anos imediatamente posteriores ao seu acontecimento, quanto nas décadas seguintes.

A conjuntura que antecede diretamente a eclosão da Revolução permite perceber a confluência de uma série de fatores que contribuíram para sua gestação gerando um cenário de desestabilização institucional.

O chamado Movimento Tenentista iniciado em 1922 agitava então os bastidores da vida nacional desde o seu aparecimento, promovendo motins militares e sedições armadas, sendo que a mais famosa delas foi a Revolução de 1924, ocasião em que os militares rebeldes tomaram o poder na Província de São Paulo, a mais importante do país por 21 dias.

Os “Tenentes” como eram chamados, organizaram-se como um grupo político que se caracterizava pelo intenso desejo de mudanças nas estruturas do país desempenhando importante papel na organização das instituições militares brasileiras. Adotando modelos positivistas, parte significativa do movimento defendia que, para produzir as mudanças desejadas, era necessário que o Brasil passasse por um período de ditadura.

Muitos dos integrantes do movimento tenentista incorporaram os quadros da Revolução de 1930 e também participaram de outros movimentos militares posteriores.

A crise de 1929 provocou o aprofundamento dos problemas políticos e econômicos que o país arrastava sem solução ou mal solucionados desde o final do século anterior, gerando como resultado imediato a brutal queda dos preços do café no mercado internacional, o que tornou impossível ao governo brasileiro sustentar as importações de bens de consumo industrializados no ritmo dos

anos anteriores. Na época, os poucos produtos de origem nacional eram vendidos no mercado interno brasileiro a preços mais altos que os importados, situação devida principalmente ao baixo nível de industrialização do país.

A crise inviabilizava a prática tradicional de manutenção artificial de taxas de câmbio que, por um lado, beneficiavam as exportações, mas, que por outro, impedia, havia décadas, um processo de industrialização em larga escala do Brasil, conforme análises de diversos economistas brasileiros, que estudaram o assunto.

No campo político, três questões se sobressaiam, a primeira era o descontentamento gerado na oposição pela eleição do paulista Júlio Prestes, candidato do então presidente Washington Luís que representava principalmente as elites paulistas, sobre a coligação que unia Minas Gerais e Rio Grande do Sul, representados pelo gaúcho Getúlio Vargas. A segunda ocorreu poucos meses depois das eleições, tratou-se do assassinato do candidato a vice-presidente na chapa de Vargas, João Pessoa, na Província da Paraíba, um crime passionai, logo transformado em atentado político, pela imprensa de oposição e por último a acusação sistemática de que a eleição teria sido vencida com base na fraude eleitoral.

Estes problemas evidenciavam antes de tudo a exaustão do modelo calcado em uma política de acordos baseados na troca negociada de grupos no governo e que procuravam acomodar variados interesses regionais e oligárquicos, e que predominou na cena política desde o advento da República em 1889, modelo encerrado em 1930 passando depois a ser designado como “República Velha”,

A arrancada do processo revolucionário gravita em torno da sucessão presidencial de 1930, definindo aí suas motivações mais arraigadas e mais visíveis. Nesse sentido, a sucessão não será apenas a expressão genérica do descontentamento de três estados (Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba) contra a hegemonia paulista, mas também o reflexo de dissensões que atingem as mais antigas, consagradas e representativas lideranças da República Velha. Os políticos mais atingidos são, muitas vezes, os que envelhecem com o regime que ajudaram a implantar, e que, além do mais, detêm o controle estratégico de duas das três unidades estaduais de maior peso eleitoral e político. Trata-se, por conseguinte, de um conflito que envolve os centros nervosos das elites políticas da Primeira República. (Leal e Camargo, 1982, p.18).

Este contexto, segundo Skidmore (1979, pp 20-23), servirá de estopim para a eclosão da Revolução de 1930 e havia em grande parte se formado em decorrência do crescimento urbano verificado nas décadas anteriores, associado ao enfraquecimento político do presidente, e ao descontentamento verificado entre oficiais do exército.

Ainda para o autor, A Revolução de 1930 é um modelo incontestado de revolução, uma vez que ela pôs fim ao sistema republicano iniciado em 1889, unindo grupos que se contentariam com mudanças institucionais, com aqueles que

pretendiam a modificações estruturais e profundas da economia de do próprio Estado (Skidmore, 1979, p.26).

Para Luiz Carlos Bresser Pereira (1976, pp.27 e 28) naquele momento, iniciava-se a “Revolução Industrial” brasileira. Ele considera, porém, que ocorreram também significativas mudanças em outras esferas da sociedade brasileira.

Segundo o autor, foi a partir de então que começaram a ruir alguns preconceitos e privilégios do que ele define como “classes esclerosadas”, e também a se criar no país as estruturas necessárias à existência de um mercado interno, fundamental para introdução de novos hábitos de consumo, processo que implicou na criação de uma massa de consumidores urbanos, que por sua vez servia também como exército de mão de obra de reserva.

Este movimento seria a base de um tipo de “cadeia de industrialização” do país, um processo que teria se iniciado com a crise econômica de 1929 e o conseqüente baixo preço do café.

Como não seria mais possível importar tudo, tornou-se crucial começar a se produzir internamente os bens de consumo necessários, aumentando o número de empregos assalariados no setor industrial, processo que transformava os novos operários em consumidores que criavam por sua vez novas demandas para o mercado.

O resultado teria sido a criação de um mercado interno, que aumentava o consumo reforçando novamente o processo de industrialização. O aumento constante de demanda gerava a pressão pelo desenvolvimento de setores da indústria pesada o que ajudaria, segundo essa visão, a sedimentar a industrialização do país.

Foi também após a Revolução que ocorreu uma das mais importantes mudanças nas relações trabalhistas da história brasileira, a implantação, embora tardia, de uma Legislação Trabalhista de caráter nacional, que organizava e normatizava direitos conquistados desde o século XIX, introduzindo novos, como a instituição de um salário mínimo padrão etc. Demandas antigas da classe trabalhadora brasileira e pode-se dizer uma “pauta em disputa”, foi defendida primeiramente de forma exclusiva por grupos anarquistas e comunistas tendo mais tarde sua “paternidade” reivindicada por grupos liberais moderados que procuravam amenizar os conflitos trabalhistas existentes no país.

Também foram introduzidas no seio do Estado brasileiro novas estruturas específicas para organizar e gerir as questões trabalhistas por meio da criação do Ministério do Trabalho e de uma justiça trabalhista

Baseado fundamentalmente em seu personalismo, Vargas trabalhou junto a grupos políticos mais reticentes no intuito de convencê-los quanto a necessidade de adiantar-se aos movimentos sociais e políticos na implantação da

nova legislação que após uma longa elaboração, acabou por ser promulgada por decreto lei em primeiro de maio de 1941.

Apresentada como uma concessão do Estado e do próprio Vargas à classe trabalhadora a ação lhe valeu a simbólica e carinhosa alcunha populista de “pai dos pobres” junto à classe trabalhadora. O competente trabalho do DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão que realizava ao mesmo tempo a publicidade de Vargas e a censura dos meios de comunicação atuou nos anos seguintes na divulgação e amplificação do epíteto.

Apoiado em mais de uma década intensa propaganda oficial, anos mais tarde a figura de Vargas como grande estadista protetor dos mais pobres estava consolidada. Ele havia sido transformado no maior Ícone do trabalhismo brasileiro, capital simbólico que foi largamente explorado pelo PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, fundado em torno do ex-ditador, a organização foi uma das principais responsáveis pelo seu retorno à vida pública do país como presidente eleito em 1950.

Portanto, aquilo que se inicia com uma atitude política, uma tentativa de angariar apoio no proletariado e nas novas classes médias urbanas, apenas como uma postura favorável a industrialização no início da década de 1930 e do primeiro governo Vargas, se transformará ao longo dos quinze anos seguintes, em políticas e ações importantes, tais como a inauguração da Usina Siderúrgica de Volta Redonda.

Para se ter uma ideia das mudanças provocadas no período, entre 1930 e 1939 a industria brasileira havia crescido 45%.

No decorrer da Segunda Guerra mundial, o Brasil aumentou significativamente suas exportações, mas o crescimento industrial não será tão grande, pois nenhum dos países industrializados tinha sobra de equipamentos para exportar, em um momento onde o poderio industrial era ainda mais decisivo (Bresser Pereira, 1972).

As modificações ocorridas nas estruturas do Estado brasileiro durante o período que Vargas fica no poder (1930-1945), principalmente no período do Estado Novo⁵ (1937-1945), redefinem nos anos posteriores vários aspectos institucionais e políticos da sociedade brasileira.

⁵ Segundo Sônia Draibe (p. 62), apud Mello e Novais (1998, p. 593), na obra *Rumos e Metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas industriais no Brasil (1930-1960)*, “O novo Estado que emergiu em 1930 não resultou da mera centralização de dispositivos organizacionais e institucionais preexistentes. Fez-se, sem dúvida, sob fortes impulsos de burocratização e racionalização, consubstanciados na modernização de aparelhos controlados nos cumes do Executivo Federal. Mas não se reduziu simplesmente à ‘desapropriação’ dos instrumentos locais e regionais de poder estruturados sob o Estado Oligárquico. A centralização trouxe elementos novos, que alteraram a qualidade e a natureza do conjunto dos instrumentos políticos ou de regulação e controle anteriormente vigentes. Velhos órgãos ganharam nova envergadura, estruturaram-se gradativamente

No campo político, o país passava no período 1930-1945 por severas conturbações e contestações do poder de Vargas. Como eventos principais ocorridos no período, podem ser citadas a Revolução Constitucionalista de 1932 que, embora restrita basicamente ao Estado de São Paulo, foi um movimento que teve grande impacto na vida do país, a Intentona Comunista de 1935, uma pouco organizada tentativa de levante de esquerda teve poucas repercussões diretas, mas muitas indiretas na medida em que serviu de prerrogativa para o endurecimento da repressão política no país e por fim a tentativa de um golpe promovida pelos integralistas (grupo de inspirações fascistas), ocorrido em 1937 e rapidamente sufocado.

Todos os movimentos foram frustrados e Vargas saiu-se mais fortalecido após cada uma dessas aventuras.

O advento da Segunda Guerra Mundial acabou por mobilizar a opinião pública do país pela participação no conflito, o que ocorreu após o ataque a navios brasileiros por submarinos alemães em 1942, levando o Brasil a declarar guerra contra o Eixo.

Paradoxalmente, um país que vivia sob uma ditadura entra na guerra ao lado dos Aliados, cuja principal bandeira de propaganda era a defesa da democracia ocidental.

Para que isto ocorresse, foram necessários diversos malabarismos políticos que envolveram anistias do governo a opositores históricos e o abrandamento quando não o fim das críticas destes ao governo, expedientes usados de maneira a formar consensos, ainda que provisórios.

Finda a Segunda Guerra, as velhas feridas políticas foram reabertas, as críticas ao ditador retomadas e ao fim de um processo rápido e decisivo, Vargas foi deposto em uma ação militar, passando ao exílio auto-imposto em sua região natal no sul do estado do Rio Grande do Sul.

O ex-ditador cumpre sua promessa de não se pronunciar sobre a vida política do país até 1950 quando procurado por diversas forças políticas aceita, não sem relutância, candidatar-se à presidência da república, cargo que passaria a ocupar desta vez como presidente eleito ao final do mesmo ano após campanha rápida e fulminante contra seus adversários.

as carreiras, assim como os procedimentos sujeitaram-se crescentemente à lógica racional-legal. Ao mesmo tempo, erigiu-se um novo aparelho de regulação e intervenção econômica; estruturou-se no Estado uma área social na qual passaram a ser gestadas políticas públicas de caráter nacional; finalmente, os organismos coercitivos e repressivos estatais adquiriram substância qualitativamente nova".

A revista *O Cruzeiro*

A revista circulou praticamente sem interrupções desde seu estrondoso lançamento em 4 de maio de 1928, até o momento de seu fechamento, em 1974. Pertencente ao conglomerado de mídias “Diários Associados”⁶, de propriedade do poderoso empresário e jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais conhecido como Chatô, foi considerada “a menina dos olhos” do conglomerado, dada sua aceitação pelo público, o esmero editorial e grande penetração em todo o território nacional entre outros fatores.

A variedade e a profusão de imagens foi uma de suas principais características. Semanalmente a revista era ilustrada com uma grande variedade de fotos, *cartoons*, charges e desenhos de todos os tipos, o que a tornava bastante atraente:

Em suas páginas os leitores – mas principalmente as leitoras – encontravam cotidianamente uma enorme variedade de assuntos: política; cidades, ciências; cinema; teatro; o mundo do rádio; contos; moda; carnaval; história; lugares exóticos; esportes; curiosidades e um sem número de outros que se alternavam ou se sucediam semana após semana, inseridos em meio a uma profusão de propagandas de quase todos os produtos que se possa imaginar. (Romanello, 2009, p. 57)

Na constituição desta publicação associaram-se: um prodigioso elenco de profissionais como editores, fotógrafos, repórteres, gráficos além de uma poderosa estrutura material que conjugava equipamentos gráficos de última geração e um invejável esquema de distribuição em bancas e por assinaturas em todo o país, chegando mesmo a circular uma *Edição Internacional* de *O Cruzeiro* publicada em língua espanhola, a partir da segunda metade da década de 1950, experiência abandonada após um breve período.

A década de 1950 é considerado por muitos estudiosos como a fase áurea da revista que, no entanto, começava a declinar a partir de meados da década seguinte. São vários os motivos apontados para sua decadência: a perda da liderança ativa de Chateaubriand que caiu doente no início da década de 1960, sucessivas crises financeiras nas empresas pertencentes aos Diários Associados,

⁶ Em 1924 com a compra do *O Jornal*, publicado na cidade do Rio de Janeiro, iniciou-se efetivamente a execução do projeto acalentado há muito tempo. Com esta aquisição – logo seguida pela compra do *Jornal da Noite* de São Paulo – Chateaubriand fundava os alicerces dos “Diários Associados”, e a aquisição de jornais, revistas, rádios, agências de propaganda, e outras empresas do setor, não parou mais. A revista *O Cruzeiro* integrou este grupo e transformou-se em sua empresa mais importante. “Em 4 de maio de 1928 foi fundada a Sociedade Anônima Empresa Gráfica *O Cruzeiro*, uma revista semanal ilustrada, o título já existia e foi comprado ao antigo proprietário, Edmundo Miranda Jordão pela importância, vultuosa na época, de dois contos e 500 mil réis, e circulou com o título *Cruzeiro* em seus primeiros anos” (Netto, 1998, p.35). Crescendo incessantemente a partir de então, chegando a congregar em 1959 “[...] dezenas de jornais, as principais estações de televisão, 28 estações de rádio, as duas mais importantes revistas para adultos do país, doze revistas infantis, agências de propaganda, um castelo na Normandia, nove fazendas produtivas espalhadas por quatro estados brasileiros, indústrias químicas e laboratórios farmacêuticos, estes encabeçados pelo poderoso Schering” (Morais, 1994, p. 15-16).

mudanças na política brasileira após o golpe civil militar de 1964, período em que passou a reelaborar os modelos de propaganda oficial do Estado, perda de parte significativa das propagandas internacionais para agências norte americanas, entre outras questões.

Este conjunto de problemas minou as bases do financiamento recebido pelos Diários Associados que na época já viviam uma crise empresarial sem precedentes levando à venda várias das empresas do grupo e ao fechamento da revista em 1974.

As relações de Assis Chateaubriand com Getúlio Vargas

Liberal convicto de inspirações inglesas, elaborador e defensor de grandes propostas e mesmo de grandes projetos nacionais, o proprietário dos Diários Associados notabilizou-se em diversos momentos pelas viradas radicais em seus posicionamentos políticos, que via de regra, confundiam-se com seus interesses políticos, pessoais ou empresariais.

Marcadas pelos excessos, as relações de Assis Chateaubriand com Getúlio Vargas, não foram muito diferentes das que o empresário manteve com diversos outros personagens da vida política brasileira, porém devido à envergadura e poder do político gaúcho que muitas vezes contrariava seus interesses ou perspectivas políticas este rapidamente transformou-se de maior aliado em pior inimigo.

Caracterizada por lances espetaculares, esta relação iniciou-se no final de década de 1920, quando Chateaubriand participa como importante protagonista na articulação do apoio e na promoção de Vargas – a própria criação da revista foi parte deste projeto de divulgação da imagem do político gaúcho.

Nos primeiros anos as relações entre os dois transcorreram bem, no entanto, as críticas subseqüentes às posturas de Vargas, culminaram na adesão do empresário à Revolução Constitucionalista de 1932 – episódio que quase custou a vida e as empresas a Chateaubriand e mudariam completamente o quadro das relações entre eles.

As retaliações do ditador a Assis Chateaubriand, pelo apoio a Revolução de 1932 incluíram entre outras ações: uma tentativa frustrada de exílio, prisão domiciliar temporária, execução de dívidas contraídas com bancos públicos, restrição da cota de papel de imprensa das empresas ligadas ao grupo dos Diários Associados, enfim um conjunto de resoluções que quase impediam os veículos do grupo de circular.

A série de retaliações promovidas contra o empresário, teve, como consequências diretas a limitação do poder de Chateaubriand e a debilitação de suas empresas que quase foram a falência, fazendo mesmo em certa época com que

pensasse seriamente até em fechar *O Cruzeiro*, cujas tiragens naquela altura haviam entrado em queda vertiginosa, despencando dos respeitáveis índices 80.000 exemplares semanais em 1930 para cerca de 15.000 poucos anos depois.

Evidentemente, como em quase todos os episódios da vida de Chateaubriand, este não foi um processo alinhado de perseguição pura e simples de um ditador a um inimigo. Houve reconciliações parciais entre os dois, motivados pela percepção por parte de Vargas do poder e da influência que empresário desfrutava junto a banqueiros, grandes industriais e outras personalidades importantes do país – o que o tornava um inimigo difícil de ser destruído, ou mesmo totalmente silenciado –, e pela resignação parcial de Chateaubriand, que percebeu não poder enfrentar frontalmente um ditador da envergadura de Vargas⁷.

Pode-se dizer, em linhas gerais, que apesar de inúmeras reviravoltas nas relações entre os dois, Chateaubriand devotou para sempre um ódio mortal à figura de Vargas, condição que culminaria, em 1954, com uma intensa participação de suas empresas na campanha contra o presidente, e no dramático episódio do seu suicídio e que Vargas, por sua vez, preferiu respeitá-lo como inimigo e tolerar, na medida do possível, seu comportamento.

O Cruzeiro construindo as memórias para consolidação da Revolução: a edição de 08 de novembro de 1930 “uma publicação preparada”

A edição de 08 de Novembro de 1930, é um marco da história da revista inclusive o retorno de sua numeração para o número “1”, simbolizando o início de uma nova era para o país.

Essa edição concluiu, ao mesmo tempo uma série de coberturas publicadas desde o início dos eventos revolucionários em 3 de outubro daquele ano e encerrados com a posse de Vargas ocorrida no Palácio do Catete, sede do governo na capital do república no Rio de Janeiro em 3 de Novembro do corrente. Isto, é claro, sem considerar para o momento as publicações futuras a respeito do tema na revista, parte de outro processo em nosso entendimento.

Segundo a pesquisadora Marialva Barbosa, o número imediatamente anterior a posse de Vargas publicado pela revista, já era em si um verdadeiro monumento e preparava o terreno para que o número seguinte mantivesse a linha narrativa:

A primeira edição de novembro de 1930 tem um só destaque: a deposição de Washington Luís. A capa da revista reproduz uma foto do general Menna Barreto, acompanhado por outros militares, em frente ao Palácio Guanabara no dia da deposição do

⁷ Um episódio que pode elucidar o grau de paradoxos envolvidos nestas relações: em 1937, Chateaubriand – ele mesmo censurado, bem como suas empresas – “adere” ao Estado Novo e diante da oportunidade de agredir a figura de Júlio Mesquita, com quem mantinha severas animosidades, não vacilou e passou a escrever artigos em que acusava o liberal diretor d’O Estado de São Paulo de comunista. (Morais, 1994).

presidente. A matéria dá a senha para a tônica da revista durante o período do chamado Estado Novo: o apoio incondicional à Getúlio e à Revolução de 1930. O editorial deste número é ilustrado pela imagem do presidente deposto sendo conduzido de carro até o forte de Copacabana, onde seria preso. Para a revista a reprodução fotográfica servia de verdadeiro documento-monumento dos acontecimentos. Construía assim no presente uma história futura. A fotografia desta página fixa o acontecimento máximo do movimento revolucionário de 24 de outubro, quando o Sr. Washington Luís, deposto das suas supremas funções de Chefe do estado pelas forças armadas constituídas em Junta Pacificadora; e tendo-se inflexivelmente negado a abdicar, foi conduzido como prisioneiro à fortaleza de Copacabana em seu automóvel, acompanhado por sua Eminência o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme e pelo Sr. General Tasso Fragoso, presidente do triunvirato militar que assumiu o poder sob a designação da Junta Governativa Provisória, como mandatário da revolução triunfante. [...]. (Barbosa, 2000, on-line)

Ou seja, tratava-se de uma edição muito mais voltada a “encerrar” o governo anterior, mostrando o processo de extinção dos velhos modelos, do que de anúncio dos novos, como ocorreu na edição de 8 de novembro.

A capa

O *Cruzeiro* consagrou a Vargas uma foto de corpo inteiro na capa da edição de 08/11/1930. Provavelmente colorizada por processos químicos ou pelo uso de técnicas gráficas, e com indícios de manipulação de retoque ou montagem no rosto do ditador. A foto foi tomada em lugar público não identificável por quaisquer referências intrínsecas – muito provavelmente em sua chegada a sede do governo federal da época o Palácio do Catete na cidade do Rio de Janeiro.

No plano geral da imagem destaca-se a baixa estatura característica de Vargas, acentuada na edição pela tomada da imagem de cima para baixo, no momento em que ele se preparava para subir um lance de escadas, nela o ditador aparece sorridente com cabelos desgrenhados envergando um uniforme militar.

O público que o cerca, é formado principalmente por militares que o circundam enquanto alguns simplesmente olham, ao lado esquerdo um bate continência, ao passo que outro à direita lhe indica o caminho. (Ver Imagem 1)

Nesta imagem, em que praticamente não aparecem civis⁸, portanto a mensagem realça basicamente a figura de Vargas enquanto um líder militar.

⁸ Embora ao fundo possa se identificar a presença de algumas mulheres, estas somente são perceptíveis apenas com auxílio de ferramenta zoom disponíveis em programas de edição gráfica, devido à distância que ocupam da cena principal.



Imagem 1. O Cruzeiro 8 de novembro de 1930, Capa.

A reportagem

Na revista a reportagem sobre os eventos revolucionários e a posse de Vargas é o conteúdo principal daquela edição e é apresentada de forma cronológica extensa e contínua e constituída por 57 fotos, títulos, textos e legendas específicas distribuídas em 21 páginas daquele número, publicada na revista sob o título de *O Cruzeiro e a Revolução*.

Já na abertura da reportagem as imagens realçam: a figura de Vargas em retratos e closes. Trata-se do momento da partida da “marcha revolucionária” em que personalidades civis e militares se destacaram. Nas fotos sucedem-se, figuras como a do coronel mineiro Oristarcho Pessoa, o general Menna Barreto, o almirante Izaías Noronha, Juarez Távora, e outros.

As fotografias da “viagem revolucionária” procuram refazer por meio de imagens os seus momentos marcantes. O discurso desta seção é baseado principalmente na tentativa de caracterizar a “evolução geográfica” dos acontecimentos, destacando apenas as principais cidades do longo caminho percorrido pelos revolucionários desde a saída do Rio Grande do sul até a tomada triunfal do Rio de Janeiro, Capital da República na época.

Na seqüência da reportagem o ator principal na composição das imagens passa a ser “o povo” e as fotos mostram multidões reunidas em praças públicas, paradas, grupos de defesa civil da Revolução, personalidades, soldados e anônimos, que posam unidos representando o engajamento popular regional.

Por fim, as mulheres, são três fotos das esposas de alguns chefes revolucionários, como a mulher de Vargas enquanto preparam-se para uma “perigosa” viagem de avião do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, para encontrarem-se com seus maridos. As legendas informavam que Viajariam acompanhadas de homens de confiança do ditador, tais como João Neves e Luiz Aranha, que aparecem como espécies de fortes protetores para as “frágeis” mulheres.

O conjunto produz uma narrativa/síntese de todo o processo revolucionário, embora seja apenas uma antecipação de uma edição especial que seria integralmente dedicada aos acontecimentos, prometida pela revista para um futuro breve.

“*O Cruzeiro e a Revolução*” é o título de uma propaganda que antecede a reportagem sobre o mesmo assunto, em que a revista anuncia o lançamento de um número especial sobre o evento “Revolução de 1930”, que serviria, segundo as palavras da revista, enquanto um verdadeiro dossiê, um documento histórico, ilustrado por grandes pintores e desenhistas, contendo farta documentação fotográfica, além da reprodução de documentos, tratava-se de divulgar a publicação de:

Um número extraordinário, em formato álbum constará 100 páginas em papel de luxo, dos quais 32 em rotogravuras e 8 em trichcromia e abrangerá todos os acontecimentos decorrentes entre a eleição presidencial de 1 de Março até a posse do governo em 3 de novembro pelo Presidente Getúlio Vargas. Além de uma vastíssima documentação fotográfica, na sua maioria inédita [...] *O Cruzeiro* reproduzirá desde as plataformas da Aliança Liberal, até a Acta de posse do Presidente Getúlio Vargas, todos os manifestos da revolução, as Ordens do Dia dos exércitos revolucionários, os discursos e mensagens dos presidentes do Rio Grande do Sul, de Minas Geraes e da Parahíba [...] Figuram no número especial de *O Cruzeiro* numerosas fotografias das frentes de combate [...]”. (*O Cruzeiro*, 08/ de Novembro de 1930, p. 2)

Dessa forma anunciava-se o próximo ato em direção a criação e divulgação da memória⁹, uma versão que em nosso entender procura elaborar o passado recente, que viria – segundo o anúncio – a ser publicada “em forma de álbum”, sendo, portanto, uma declaração de apoio da editoria da revista à Revolução e conseqüentemente a Vargas.

“Um sorriso que promete a vitória”: a partida para a batalha

Com o título “Um sorriso que promete a vitória” e uma foto de mostra Vargas fardado ao lado de crianças antes de sua partida para a batalha. (Ver Imagem

⁹ A questão das sucessivas re-elaborações da memória da Revolução de 1930, sob e perspectiva e desdobramentos no decorrer das décadas seguintes foi trabalhada em profundidade por Edgar Salvadori De Decca (1988), em sua obra “O Silêncio dos Vencidos: memória história e revolução”. O que destacamos aqui se diferencia em parte das análises de De Decca por se tratar ao menos em parte de uma peça publicitária, dedicada em nosso entender a elaborar a memória recente do evento atribuindo a ela sentidos de unicidade e de evolução natural dos acontecimentos políticos do país.

2) O texto publicado reproduz o conteúdo da “Ordem do Dia nº 1 do Commando Geral das Forças Nacionais de 11 de outubro” e colocado nesta perspectiva, transforma-se em um misto de “documento histórico” e discurso oficial, que exalta símbolos nacionais como o exército, o povo e a república, com as seguintes palavras:

Tendo assumido o commando em chefe das Forças Nacionais, sigo, hoje, com meu estado-maior, para a zonna de operações. Às gloriosas forças armadas, esteio das instituições e da dignidade nacional, às bravas milícias estaduais, que tantos e tão inestimáveis serviços já têm prestado à causa pública, à patriótica população civil que tão brilhantemente está correspondendo ao apello do Paiz – os applausos e louvores de todos os que anseiam por uma pátria grande, unida e forte. O exército da vitória progride em seu avanço triumphal. Cabe aos que ficam o papel não menos apreciável de collaborar para a manutenção das actividades públicas e particulares e para a manutenção dos serviços do Estado. Confio no concurso de todos os bons compatriotas e sei que não preciso indicar qual seja o dever de cada um. Meus concidadãos, tudo pelo Brazil, tudo pela República! – GETULIO VARGAS. (O *Cruzeiro*, 08 de Novembro de 1930, p. 3)

Neste breve discurso reproduzido do documento produziu-se uma síntese em que ressaltava-se a importância da participação de toda a sociedade em um projeto comum, cuja finalidade seria o bem do país.



Imagem 2. O *Cruzeiro* 8 de novembro de 1930, p. 3.

Nas páginas imediatamente seguintes, aparece à esquerda, em foto que ocupa quase a página inteira, o “Coronel Oristarcho Pessoa, Commandante em chefe das tropas mineiras”, envergando trajes militares de gala. (Ver Imagem

3) A foto foi publicada no centro da página, envolta por um tipo de moldura. No rodapé mais duas fotos pequenas mostram o coronel em cenas de combate em Juiz de Fora e comandando grupo de policiais na campanha. (*O Cruzeiro*, 08 de Novembro de 1930, pp. 4 e 5)

Em foto impressa na página inteira (*O Cruzeiro*, 08 de Novembro de 1930, p. 5) – ao que tudo indica produzida em estúdio devido à iluminação quase impecável, uma provável foto de arquivo – Vargas aparece em close de rosto com uma expressão jovial, sério, cabelos bem penteados, diferentemente de outras imagens da reportagem aparece envergando trajes civis, pouco comuns nas aparições públicas do ditador naquele momento, enquanto o título afirma tratar-se de “O Presidente Getulio Vargas o chefe da revolução” (Ver Imagem 4).



Imagem 3. *O Cruzeiro* 8 de novembro de 1930, pp. 4 e 5.

Na diagramação do título, as palavras: “Presidente” e “Chefe” aparecem sobrepostas no canto esquerdo da página.



Imagem 4. *O Cruzeiro* 8 de novembro de 1930, p. 5.

Portanto, a Revolução, que já havia sido apresentada como um ato glorioso na abertura da reportagem, se complementava com a eleição de seu “chefe”, a figura de Vargas soma, segundo esta perspectiva, a condição de líder revolucionário que ao mesmo tempo em que é tratado como “O Presidente”.

Considera-se que por meio deste expediente projetam-se mensagens ambíguas, pois como se sabe “presidente” é um cargo tradicionalmente exercido por civis, eleitos, ao passo que “Chefe” é uma designação genérica - atribuída tanto a civis quanto a militares, habitualmente empregada em diversas esferas de atividades para estabelecer hierarquias.

O texto sugere, uma soma de papéis desempenhados pelo mesmo personagem, que assim concentra poderes civis, militares e de liderança da nação, poderes unificadores enfim, uma representação de unidade no momento em que o país estava em perigo – real ou imaginário – de sofrer a desintegração da guerra civil, riscos derivados da crise, política e revolucionária – segundo a perspectiva ressaltada no documento assinado por Vargas e que a revista publicava.

A foto de Vargas aparece ao lado de uma personalidade militar de importância regional, apresentado como colaborador que desempenhou papel fundamental nos eventos revolucionários. Com isto, cria-se um vínculo entre a representação da unidade da nação, que se pretende refletida pela própria figura do “chefe”, e da região, neste caso, representada pelo coronel.

Em nosso entendimento neste trecho da reportagem as relações entre a parte e o todo, a nação e as regiões, estabelecem um eixo narrativo.

Do ponto de vista editorial nesta reportagem estas relações se estabelecem enquanto um procedimento que se repete em várias outras passagens. Em algumas das vezes, o centro será a imagem de Vargas, já em outras esta relação se estabelecia por meio de artifícios de edição, tais como títulos, subtítulos, legendas além do próprio conteúdo dos textos.

Os líderes regionais continuam representados no decorrer da publicação pelas fotos dos generais Tasso Fragoso, Menna Barreto, o almirante Izaías Noronha, a “Junta governativa provisória do Rio de Janeiro” e na página ao lado o também general Juarez Távora (este em trajes civis), o “Commandante das Forças Revolucionárias do Norte”. (*O Cruzeiro*, 8 de novembro de 1930, p. 6 e 7)

Os textos – sempre curtos – reproduzem documentos como a “Intimação dos Generais ao presidente da República” de 24 de outubro de 1930, em que os generais intimam o presidente Washington Luís a cessar as hostilidades para salvar o país da guerra civil e poupar o povo de sacrifícios inúteis, ou exaltam Juarez Távora como:

Um ideólogo e um soldado. Um misto de um Bolívar com Cromwel, numa jovem encarnação brasileira. [...] Juarez foste a espada da Victória! És a glória do Brasil! [...] Espécie de anjo tutelar da Revolução pelo seu idealismo, o cabo de guerra cearense é uma das mais sólidas garantias da regeneração política, o antidoto do demagogismo, a sentinella vigilante do Brasil Novo, nascido da convulsão da guerra civil. (*O Cruzeiro*, 08/11/1930, p. 7)

A seção “De Porto Alegre a Ponta Grossa, S.Paulo e Rio de Janeiro”, define o trajeto revolucionário pelo país, a “Viagem Triunfal do Chefe da Revolução” (Ver Imagem 5). O elemento novo na reportagem é a presença do “povo”, que acompanhou Vargas em sua partida de Porto alegre, saudou sua chegada a São Paulo e o viu finalmente “tomar posse” no Rio de Janeiro e nas comemorações ocorridas em outras cidades. (*O Cruzeiro*, 08 de Novembro de 1930, pp. 7 e 8).



Imagem 5. *O Cruzeiro* 8 de novembro de 1930, pp. 7 e 8.

Não há nenhum tipo de comentários específicos a este respeito, as aglomerações deveriam ao que parece, “falarem por si mesmas”, pois diferentemente do líder, maior, ou dos líderes maiores, que foram sistematicamente qualificados pela bravura, inteligência ou dedicação, nos textos o “povo” é lembrado em apenas umas poucas e breves referências, em uma aparece como expectador, assim aparece descrito em legendas como “O povo aguardando a chegada do Sr. Getúlio Vargas em frente à estação D. Pedro II”, ou em outra uma grande aglomeração, da “Multidão em frente ao Palácio do Catete, ouve a saudação do Presidente Getúlio Vargas”, ou seja, apenas duas legendas mínimas presentes na página 10.

Referências à participação popular voltarão a aparecer, desta vez qualificadas como ação heróica apenas nas páginas 18 e 19, quando, segundo informações da reportagem “Uma falsa alerta coloca em pé de guerra as tropas e o povo em defesa da revolução”, título da seção. (*O Cruzeiro*, 8 de novembro de 1930, p. 18)

As fotos mostram diversos episódios em que teria havido a participação popular, são homens de terno e gravata empunhando fuzis e marchando entre tropas regulares, fardadas, posando para fotos com as armas erguidas em sinal de vitória (Ver Imagem 06) ou improvisando trincheiras na Praia Vermelha. (*O Cruzeiro*, 08 de Novembro de 1930, p. 19) (Ver Imagem 7).



Imagem 6. O *Cruzeiro* 8 de Novembro de 1930, p. 18.



Imagem 7. O *Cruzeiro* 8 de Novembro de 1930, p. 19.

Na reportagem, as imagens de mulheres encerram a cobertura. As figuras femininas, salvo presença esporádica em meio a recepções ou comemorações, e em raros momentos em que confraternizam com os soldados em situações de descontração, são quase completamente ausentes.

Serão, no entanto, “dignamente” representadas pela esposa de Getúlio, João Neves e de Luíz Aranha, que naquele momento eram “As Esposas dos Triunfadores” (Ver Imagem 8) segundo o título da seção (*O Cruzeiro*. 08/11/1930, pp. 23 e 24).

Nas fotos as mulheres aparecem bem vestidas e aguardam o momento de embarcar em um hidroavião de carreira, saindo de Porto Alegre rumo ao encontro de seus maridos no Rio de Janeiro. Viajam acompanhadas de homens, por dedução, de confiança, destacados para protegê-las em ambiente político revolucionário.



Imagem 8. O *Cruzeiro* 8 de novembro de 1930, pp. 23 e 24.

Por coincidência ou estratégia de vendas, as fotografias das respeitáveis senhoras estão dispostas em página ao lado de uma amena coluna de moda feminina dedicada a chapéus, intitulada “Dona”.

Considerações finais

A Revolução de 1930 foi um evento marcado pelo amplo simbolismo e pelas lutas em torno de sua memória. Naquele mês de novembro de 1930, era ainda um evento extremamente recente carente ainda de atribuição de significados. Naquele quadro, uma publicação com as características de *O Cruzeiro* no momento imediato aos eventos, deram um primeiro passo, atribuindo sentidos aos acontecimentos que praticamente ainda se desenrolavam.

Destacam-se neste aspecto: o cuidado dedicado ao tratamento da questão regional, tema candente e delicado no período, bem como os esforços em apresentar a Revolução enquanto evento de unificação nacional, de mudança e modernização do país e que contou com um maciço engajamento da sociedade. Ao passo que Vargas recebe inúmeros qualificativos enquanto chefe e líder, sendo ao mesmo tempo um presidente.

Bibliografia

A Revolução de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, 1982. (Coleção Temas Brasileiros, 54). Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>.

Abreu, Alzira Alves de (org.); Plínio de Abreu Ramos [et al] (1996). Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: *A imprensa em transição; o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV.

Barbosa, Marialva (2000). “O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira.” In: *Ciberlegenda*, nº 7. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/331/21>Acesso em: 03 abr. 2003, 17h50min.

Costa, Helouise. *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro*. 1992. Dissertação (Mestrado), ECA – Escola de Comunicação e Artes, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Decca, Edgar de (1988). *1930: o silêncio dos vencidos*. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense.

Demarchi (1992-1993). *A história da revista no Brasil: 200 anos de informações, cultura e entretenimento*. Anuário Brasileiro de Mídia.

Martins, Ana Luiza (2003). Da fantasia à História. Folheando páginas revisteiras. História. São Paulo, v. 22. n. 1, p. 59-79.

Mello, João Manuel Cardoso de; Novais, Fernando A. (1999). Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: Lilia Moritz Schwarcz, *História da vida privada no Brasil*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

Morais, Fernando (1994). *Chatô o Rei do Brasil: A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras.

Netto, Accioly (1998). *O Império de papel: os bastidores de "O Cruzeiro"*. Porto Alegre: Sulina.

Peixoto, Celina Vargas do Amaral (1995). *Diário de Getúlio Vargas*. Editora Siciliano, FGV.

Pereira, Luiz C. (1972). *Bresser. Desenvolvimento e crise no Brasil*. 3a. Edição: São Paulo: Brasiliense.

Revista *O Cruzeiro* edição de 08 de Novembro de 1930.

Romanello, J. L. (2006). *A natureza no discurso fotográfico da revista "O Cruzeiro": paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista*. Assis, 2006. 200p. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista.

Romanello, J. L., Zammataro, A. F. D., Gawryszewski, A. (org) (2009). *O Cruzeiro: uma revista de imagens* In: *O Amigo da Onça: uma expressão da alma brasileira* ed. Londrina: EDUEL, v.01, p. 11-36.

Romanello, J. L. (2009). *"Uma história da Revista O Cruzeiro 1930-1960."* In MOLINA, Ana Heloísa; Gawryszewski, A., Romanello, J. L.: Alberto Gawryszewski. (Org.). *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. 03 ed. Londrina: EDUEL, v. 01